

reunidas em pequenos grupos. O floema é formado de um parênquima composto de pequenas células poligonais mais ou menos regularmente dispostas em filas radiais e contém numerosos grupos de fibras esclerenquimáticas, de paredes muito espessas e lúmen puntiforme: êsses grupos fibrosos são margeados de tubos cristalíferos com cristais prismáticos de oxalato de cálcio. Existem algumas células esclerosas. O xilema é formado por uma espessa zona de cunhas lenhosas dispostas radialmente e separadas umas das outras pelos raios medulares constituídos de 1 a 2 fileiras de células em largura e de 20 a 25 (excepcionalmente até 50) filas em altura. Cada cunha do xilema é composta de feixes tangenciais de fibras de paredes espessas e lúmen estreito, entremeados de células parenquimáticas, separados por faixas de uma só fila de parênquima lenhoso; as traquéias são porosas e pontilhadas, isoladas ou reunidas em pequenos grupos. No xilema também existem cristais prismáticos de oxalato de cálcio. Esta raiz é desprovida de medula.

IMPUREZAS:

Resíduo pela incineração — No máximo, 10 por cento.

MULUNGU

Cortex mulungu

Muchoco. Suinã

Erythrina mulungu Martius; Papilionatae.

O mulungu deve corresponder às exigências da avaliação biológica.

Parte usada: casca.

DESCRIÇÃO MACROSCÓPICA — A casca de mulungu apresenta-se em fragmentos achatados, pouco recurvados, de cor pardo-esverdeada externamente e pardo-clara amarelada internamente, com espessura até 2 mm e comprimento variável. A superfície externa é muito enrugada longitudinalmente, mostrando de espaço em espaço fendas transversais. Observam-se cicatrizes de ramos emergentes removidos; estas cicatrizes são crateriformes e medem até 1 cm de diâmetro. Numerosas saliências verrucosas são observadas, irregularmente dispostas na superfície da casca, assim como pequenos espinhos cônicos e lisos. A face interna da casca finamente estriada longitudinalmente é freqüentemente recoberta de placas lenhosas de cor amarelada. A secção transversal mostra uma linha escura correspondente ao súber, seguindo-se um parênquima cortical pardacento com pequeníssimas manchas esbranquiçadas e restos de lenho amarelado com estrias esbranquiçadas. A casca do tronco é recoberta de numerosas placas de líquens. A droga tem sabor amargo e cheiro desagradável, semelhante ao de maresia, que diminui muito pela dessecção.

DESCRIÇÃO MICROSCÓPICA — A casca mostra um súber de cor pardo-clara com várias camadas de células tabulares; notam-se restos de pêlos na superfície. As células da primeira porção deste súber têm suas paredes finas, seguindo-se uma faixa de células espessadas e, finalmente, o feloderma de células de paredes finas. O parênquima cortical encerra células pétreas dispostas em pequenos grupos ou isoladas, de paredes pouco ou fortemente espessadas e canaliculadas. No periciclo descontínuo, vêem-se fibras espessadas de

contorno angular; ao redor destas fibras, reunidas em pequenos grupos, existem bainhas cristalíferas. Os floemas primário e secundário mostram faixas de ceratênquima, tubos crivados e grandes células com inclusões incolores na casca jovem e pardacentas na casca velha; na casca nova, coram-se fortemente com hematoxilina SR, e dão cor vermelha com p-dimetilaminobenzaldeído SR, a 50 por cento v/v; na casca velha estas inclusões dão cor róseo-âmbar com os referidos reativos ou mesmo não dão mais reação. No floema secundário, aparecem fibras isoladas ou em pequenos grupos, envoltas por bainhas cristalíferas. Os raios medulares compõem-se de 2 a 3 fileiras de células e são ricos em amido que também nos raios vasculares e em maior proporção nas partes mais internas do córtex.

PROVA DE IDENTIFICAÇÃO:

Evapore o extrato alcoólico de mulungu. O resíduo dissolvido em água destilada dá precipitação com ácido sílico-tungstico SR.

IMPUREZAS:

Umidade — No máximo, 12 por cento.

Resíduo por incineração — No máximo, 5 por cento.

Matéria orgânica estranha — No máximo, 5 por cento.

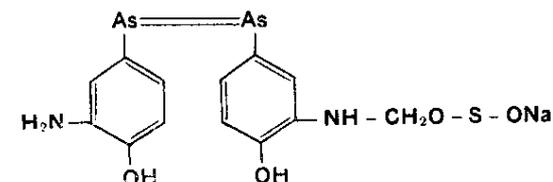
AVALIAÇÃO BIOLÓGICA — Pulverize, grosseiramente, 20 g de casca de mulungu e proceda a uma extração a quente num frasco munido de tubo de refluxo, durante seis horas, empregando como solvente 30 cm³ de álcool a 10 por cento v/v. Filtre por gase hidrófila, na qual o resíduo deve ser bem espremido, e separe 15 cm³ do extrato (igual a 10 g da casca); evapore até reduzir o volume a 10 cm³ (1 cm³ deste extrato corresponde a 1 g de casca). Adicione 0,09 g de cloreto de sódio e proceda ao seguinte ensaio: tome dez camundongos, pese-os e anote o peso de cada. Calcule uma dose do extrato à razão de 0,025 cm³ por grama de peso corporal e injete esta dose intraperitonealmente em cada animal; dentro de 10 minutos, no mínimo cinco deles devem estar mortos, após haver manifestado sinais evidentes de paralisia.

CONSERVAÇÃO — Em lugar seco.

NEOARSFENAMINA

Neoarsphenaminum

Neo-arsenobenzol. Neo-arsenobenzeno. 914. Neo-salvarsan*.



$C_{13}H_{13}As_2N_2O_4Na$.

P. M. = 466,13.

A neoarsfenamina é constituída principalmente por 3,3'-diamino-4,4'-di-hidroxi-arsenobenzeno-N-metileno-sulfoxilato de sódio; depois de dessecada no vácuo, sobre pentóxido de fósforo, durante 24 horas,